

LEONARDO BENEVOLO

A CIDADE NA HISTÓRIA DA EUROPA

Tradução de: Maria Jorge Vilar de Figueiredo



EDITORIAL  PRESENÇA

Este volume integra a colecção **Construir a Europa**, dirigida por Jacques Le Goff, originalmente publicada pelos seguintes editores:

- © 1993: Gius. Laterza & Figli, Roma-Bari, para a língua italiana
- © 1993: C. H. Beck Verlag, München, para a língua alemã
- © 1993: Basil Blackwell, Oxford, para a língua inglesa
- © 1993: Editorial Critica (Grijalbo Comercial, S. A.), Barcelona, para as línguas espanhola e catalã
- © 1993: Éditions du Seuil, Paris, para a língua francesa

Por acordo com a Agência Literária Eulama, S. R. L., Roma, Itália

Class.	711.4
Cutt.	B465 ci
Tombo	0185/98

ST 939935

FICHA TÉCNICA

Título original: *La Città Nella Storia D'Europa*

Autor: *Leonardo Benevolo*

Direcção da colecção: *Jacques Le Goff*

Copyright © 1993 by Gius. Laterza & Figli Spa, Roma-Bari

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 1995

Tradução de: *Maria Jorge Vilar de Figueiredo*

Capa: *Arranjo Gráfico de Editorial Presença*

Fotocomposição: *Multitipo, Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Guide — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, 1995

Depósito legal n.º 74 045/94

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Rua Augusto Gil, 35-A 1000 Lisboa

ÍNDICE

PREFÁCIO POR JACQUES LE GOFF	11
INTRODUÇÃO	13
1. O DISTANCIAMENTO EM RELAÇÃO AO MUNDO ANTIGO	19
↘ A ideia de cidade na cultura clássica	19
As transformações urbanas nos finais do Império	23
A crise das cidades após a queda do Império do Ocidente	30
↘ As características mais salientes do sistema urbano ocidental	37
2. A FORMAÇÃO DE UM NOVO SISTEMA DE CIDADES	43
As cidades marítimas italianas	45
As cidades nas várias regiões europeias	56
A colonização e as novas cidades	83
↘ A herança da Idade Média urbana	90
3. A FASE DE APERFEIÇOAMENTO	92
O panorama da estabilização e os últimos aglomerados urbanos do século XIV	92
O governo das cidades estabilizadas	97
↘ A nova cultura artística	100
↘ A renovação da projecção urbana em Itália	103
↘ A separação entre teoria e prática	118
4. O CONFRONTO COM O MUNDO	121
Os recursos europeus empenhados no Ultramar	122
A colonização no mundo asiático e africano	125
A colonização no Novo Mundo	128
↘ 5. A DIFÍCIL ADEQUAÇÃO ÀS REGRAS DA PERSPECTIVA	140
As novas condições da projecção urbana	140

A perspectiva na cidade: as transformações urbanas de 1550 a 1650	143
A cidade em perspectiva: as transformações urbanas de 1650 a 1750	154
O afastamento da perspectiva. A experiência inglesa	167
6. A CIDADE INDUSTRIAL	175
A revolução na cidade	175
A haussmannização: a cidade pós-liberal e os seus problemas	186
7. A EUROPA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	207
As cidades no mundo europeizado	207
A invenção de uma nova cidade	212
A renovação das cidades europeias nos últimos cinquenta anos	219
Uma reflexão no limiar do futuro	231
BIBLIOGRAFIA	239

INTRODUÇÃO

As cidades europeias nascem com a Europa e, em certo sentido, fazem nascer a Europa; são uma das razões de ser — provavelmente, a principal — da Europa como entidade histórica distinta, continuam a caracterizar a civilização europeia quando ela assume um papel dominante no mundo, e imprimem a sua marca — positiva, negativa, mas sempre preponderante — às cidades contemporâneas em toda a parte do mundo.

A história das cidades europeias e a história da Europa são em larga medida uma única história, que já foi narrada inúmeras vezes. Um assunto tão vasto não se podia incluir num dos livros desta colecção, que exploram temas e momentos específicos da herança cultural europeia; de resto, cada um deles pressupõe a cidade, onde todos os motivos históricos se encontram e se entrecruzam. Todavia, é possível dedicar um livro especial ao *cenário físico* das cidades. Esse cenário é tão persistente que, ao longo do tempo, vai influenciando nas outras vivências e é, no momento actual, não só um canal insubstituível de comunicação entre presente e passado, mas também de condicionamento do presente sobre o futuro.

Essa função deriva da natureza da cidade, e atenua paradoxalmente o seu dinamismo inovador. Com a criação das cidades — a partir do terceiro milénio antes de Cristo — conseguiu-se, através de uma compressão das relações espaciais, acelerar as mudanças temporais, imprimindo à vivência humana o ritmo mais veloz que distingue a História da Pré-História. Ao mesmo tempo, a fixação estabiliza a paisagem construída numa época histórica, transmite-a às épocas seguintes e vincula em parte o modo de viver de cada geração às opções feitas pelas gerações que a

precederam. É simultaneamente um motor para entrarmos mais depressa no futuro e uma âncora para não perdermos os laços com o passado: em ambos os casos, é um instrumento para viajarmos no tempo, para passarmos por cima da sucessão dos acontecimentos e tornarmos mais próximas situações longínquas, movendo-nos nos dois sentidos.

Estas constatações continuam a ser dominantes no mundo actual. As comunicações à distância tornam cada vez menos relevantes os efeitos da concentração física das actividades humanas, e portanto do facto de se viver na cidade e não no campo; contudo, o cenário físico que tende a integrar-se mantém e aumenta a sua incidência sobre os modos de vida, ao mesmo tempo que a capacidade de movimento e a disponibilidade de tempo livre vai aumentando.

As cidades europeias são uma parte determinante desse cenário, e a conservação do seu património material é necessária para não se perder uma grande quantidade de valores a que só podemos ter acesso por essa via: a identidade dos lugares onde vivemos, a estabilidade que dá realce e significado ao fluir das diferentes experiências de cada geração, a permanência de um «centro» que não muda tão rapidamente como a periferia, onde possamos, por conseguinte, depositar e partilhar uma parte das memórias que são demasiado pesadas para serem transportadas por cada indivíduo. Já em meados do século passado, Baudelaire apercebeu-se desta dramática dificuldade do nosso tempo:

*Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville
Change plus vite, hélas, que le coeur d'un mortel)
[...]
Paris change! mais rien dans ma mélancolie
N'a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs
Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie
Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs.¹*

Nas personagens da sua poesia — o cisne fugido da gaiola, Andrómaca conduzida ao exílio por Pirro, a *nègresse amaigrie* que procura as grandes palmeiras da África longínqua na neblina

¹ C. Baudelaire, *Les fleurs du mal, Tableaux parisiens* (1861), CXXIV, *Le cygne*.

parisiense — reconhecemos não só os forasteiros desenraizados que povoam as nossas cidades, mas o mal-estar de todos nós, tornados estrangeiros pela destruição física do ambiente em que crescemos.

Mais forte do que qualquer interesse «cultural», a necessidade vital de reduzir esse distanciamento em relação ao ambiente gera a necessidade de conservar convenientemente as paisagens de pedra construídas nos longos tempos do passado. É a esses frágeis cenários, vulneráveis à tecnologia moderna mas susceptíveis de serem conservados precisamente com os recursos dessa mesma tecnologia, que está confiado, por agora, o equilíbrio entre memória individual e colectiva.

Ao mesmo tempo, as obras que hoje fazemos nas cidades — as respostas que damos aos nossos problemas momentâneos — serão vinculativas por muitos anos, mesmo quando os modos de pensar e de viver já tiverem mudado, e como fazemos modificações cada vez maiores e mais frequentes, vamos prejudicando cada vez mais a vida das gerações futuras, sem todavia sabermos prever e gerir suficientemente os efeitos remotos dos nossos actos. Depois de termos pensado que se podia renovar à vontade, com os recursos da técnica moderna, o nosso ambiente de vida, apercebemo-nos de que os ambientes construídos se foram tornando em certa medida irreversíveis pelo cruzamento de factos e de interesses que não somos capazes de coordenar.

Tudo isso aumenta a carga de responsabilidades da nossa época, e torna particularmente urgente uma reflexão sobre este aspecto da história europeia.

Os materiais para uma tentativa de síntese são muito abundantes: a história dos organismos urbanos é, pela sua própria natureza, uma história de casos particulares, que devem começar por ser analisados um de cada vez, e foi assim que quase todas as cidades europeias, grandes ou pequenas, foram estudadas, normalmente pelos seus próprios habitantes: o sentimento de que se pertence a cada uma delas conduziu, em épocas diferentes, à reconstituição literária ou científica dos factos materiais que lhes moldaram o rosto.

As alterações da forma física, derivadas das mais variadas combinações de factores geográficos e históricos, formam uma casuística ainda mais diferenciada do que as alterações económicas, sociais e culturais, que se podem remeter mais facilmente

para certas categorias conceptuais. A dificuldade é fazer entrar numa única cabeça as inúmeras formas de tratar o assunto, que hoje se podem reunir num computador mas que são demasiado complexas para serem formalizadas num instrumento, e excedem grandemente as capacidades de um cérebro humano.

As obras de síntese, que utilizam esses materiais de base e os organizam, são ainda pouco numerosas, e referem-se sobretudo à formação das cidades europeias na Idade Média. Devido ao carácter parcial e controverso da tese que apresenta, o livro *Medieval Cities* de Henri Pirenne², datado de 1925, constituiu um desafio às duas gerações seguintes. Os tratados gerais referentes à «época moderna» posterior, que compreende as modificações das cidades já existentes na Europa e a transferência dos modelos europeus para as outras partes do mundo, são ainda mais escassos.

A fase inovadora mais recente, que coincide com a revolução industrial, foi descrita e discutida sobretudo em termos operativos, portanto numa perspectiva generalizante, que impediu quase sempre de se perceber a historicidade das realizações e dos modelos mentais. Em muitos casos, a identificação da cidade europeia com a cidade moderna em todo o mundo foi assumida como um dado de facto, marginalizando os enormes problemas do confronto com as outras realidades urbanas e das hibridações que daí derivam, na Europa e nos outros continentes.

Na perspectiva de uma modernidade convencional e sem distinções, considerou-se implicitamente que a vivência da cidade europeia estava concluída. Todavia, a história europeia também não está completa neste domínio, e para termos consciência disso — para dar a essa história uma continuação adequada — temos de reconhecer que o nosso modelo é apenas um dos modelos possíveis de cidade moderna e, portanto, temos de repensar em termos modernos a vivência específica das cidades europeias, com as suas variantes e as suas características comuns.

A descrição ordenada, mesmo a traços largos, de um universo de realidades tão numerosas e diferentes, exigiria um livro muito maior do que este ensaio. O fio condutor desta colecção é uma apropriação actualizada de alguns aspectos específicos da he-

²H. Pirenne, *Medieval Cities*, Princeton, 1925.

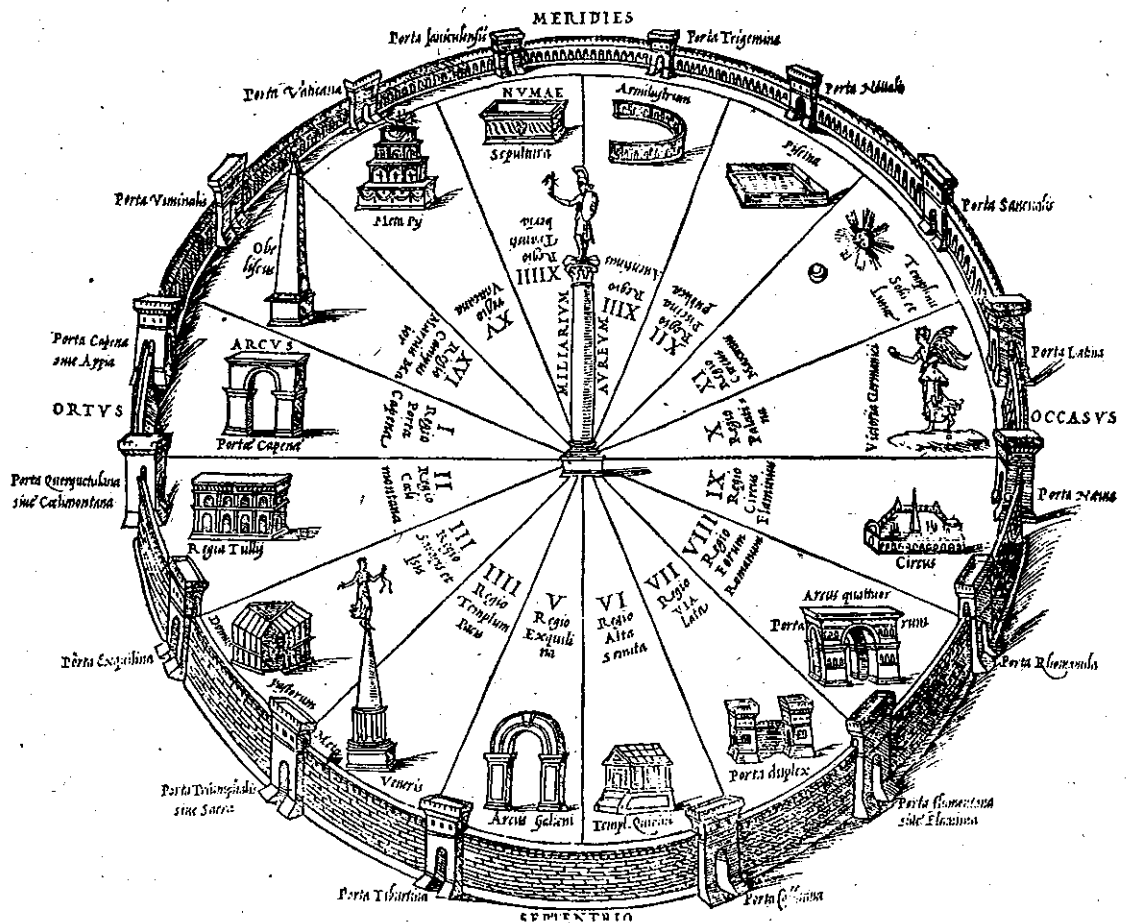


Fig. 1 — Vista idealizada de Roma na época de Augusto; gravura de 1527.

rança cultural europeia, ampliando suficientemente a análise para revelar essa especificidade. O paradoxo que temos de resolver, neste domínio, é o facto de a multiplicidade ser uma das características constitutivas da especificidade. Por conseguinte, só nos resta apresentar uma série de exemplos, reagrupados em alguns períodos significativos da história passada, que não é toda a história deste continente. A Europa que nos interessa não é uma área geográfica, mas uma realidade historicamente determinada; devemos analisar não as cidades que ao longo dos tempos se foram sucedendo neste território, mas as que surgem enquanto a Europa se vai formando como entidade distinta, e que acompanham as suas mudanças sucessivas. Neste campo de experiências, os períodos mais significativos são:

- a distanciação em relação ao mundo antigo, até ao século X (Cap. 1);
- a formação das cidades medievais, 1050-1350 (Cap. 2);

- a fase de acabamento, 1350-1500 (Cap. 3);
- o confronto com o mundo (Cap. 4);
- a difícil adequação das cidades europeias às regras da perspectiva, 1600-1750 (Cap. 5);
- o impacto da industrialização, 1750-1890 (Cap. 6);
- as transformações das cidades europeias no mundo contemporâneo, ou seja, no último século (Cap. 7).

Neste domínio, todas as palavras devem ser acompanhadas por textos e imagens, mas a selecção das imagens reveste-se de grande dificuldade, porque deve reproduzir um pequeno número de cenários concretos, que formem uma sequência significativa sem necessitarem de discursos sobre generalidades. A memória dos leitores, que habitam ou visitam com frequência as cidades europeias, corrigirá os inevitáveis arbítrios do material que ilustra este livro.